

# USO DA CARTOGRAFIA VISUAL COMO ESTRATÉGIA DE COLETA DE DADOS COM PARTICIPANTES SURDOS EM PESQUISAS QUALITATIVAS

## USING VISUAL CARTOGRAPHY AS A DATA COLLECTION STRATEGY WITH DEAF PARTICIPANTS IN QUALITATIVE RESEARCH

Juliana Guimarães Faria  
(Universidade Federal de Goiás)

Inés Martíns  
(Universitat Oberta da Catalunya)

**Resumo:** O artigo aborda as possibilidades da cartografia visual como estratégia de coleta de dados em pesquisas qualitativas com surdos. O objetivo é recuperar aspectos relacionados às línguas, culturas e experiências visuais dos participantes surdos, refletir sobre o uso de estratégias tradicionais de coleta de dados, como entrevistas e questionários, e discutir a viabilidade da cartografia visual com estes sujeitos. A metodologia adotada é de estudo bibliográfico. Autores como André (2002), Quadros e Karnopp (2007), Campello (2008), Ludke e André (2013), Marconi e Lakatos (2007) Calvo e Candón-Mena (2023), e Salerno et al (2020) são citados para embasar as reflexões. O texto é dividido em três sessões principais, cada uma abordando um aspecto específico: cultura visual e linguística de pessoas surdas, uso de metodologias tradicionais em pesquisas com surdos, e a discussão sobre a cartografia visual como alternativa metodológica participativa e colaborativa de coleta de dados. Por meio da análise de exemplos concretos, como a cartografia visual produzida por estudantes surdos em uma disciplina acadêmica, o artigo demonstra como essa abordagem pode enriquecer a coleta de dados, capturando narrativas e nuances importantes. No entanto, ressalta-se a importância de uma abordagem sensível e colaborativa, além da consideração dos objetivos específicos de cada pesquisa. O trabalho propõe abrir uma discussão sobre a cartografia visual como uma ferramenta viável e enriquecedora para pesquisas qualitativas com participantes surdos, destacando sua capacidade de dar voz e visibilidade às suas experiências, mas enfatiza a necessidade de continuar explorando e aprimorando essa abordagem.

**Palavras-chave:** Pesquisa qualitativa. Surdo. Libras. Cartografia visual.

**Abstract:** The article addresses the possibilities of visual cartography as a data collection strategy in qualitative research with deaf people. The objective is to recover aspects related to the languages, cultures and visual experiences of deaf participants, reflect on the use of traditional data collection strategies, such as interviews and questionnaires, and discuss the feasibility of visual cartography with these subjects. The methodology adopted is bibliographic study. Authors such as André (2002), Quadros and Karnopp (2007), Campello (2008), Ludke and André (2013), Marconi and Lakatos (2007) Calvo and Candón-Mena (2023), and Salerno et al (2020) are cited to support reflections. The text is divided into three main sessions, each addressing a specific aspect: visual and linguistic culture of deaf people, use of traditional methodologies in research with deaf people, and the discussion on visual cartography as a participatory and collaborative methodological alternative for data collection. Through the analysis of concrete examples, such as visual cartography produced by deaf students in an academic discipline, the article demonstrates how this approach can enrich data collection, capturing important narratives and nuances. However, the importance of a sensitive and collaborative approach is highlighted, in addition to considering the specific objectives of each research. The work proposes to open a discussion about visual cartography as a viable and enriching tool for qualitative research with

deaf participants, highlighting its ability to give voice and visibility to their experiences, but emphasizes the need to continue exploring and improving this approach.

**Keywords:** Qualitative research. Deaf. Brazilian sign language. Visual cartography.

## **Introdução**

O tema deste artigo trata das possibilidades da cartografia visual como estratégia para coleta de dados com participantes surdos em pesquisas qualitativas. A produção da pesquisa exige critérios e condições básicas para sua existência. André (2002) cita que a produção de um novo conhecimento é condição para a existência de uma pesquisa, e que, para isso, é requisito a utilização de procedimentos rigorosos.

Os instrumentos e procedimentos cuidadosamente planejados e executados em pesquisas de abordagem qualitativa é, indiscutivelmente fundamental para qualquer pesquisa, bem como a necessária garantia de que os dados tenham origem fidedigna advinda de seus participantes e colaboradores. Assim, o controle e sistematização dos dados, bem como a interpretação e a demonstração das evidências, são requisitos que devem compor a produção da pesquisa qualitativa.

No caso de se ter participantes surdos em pesquisas qualitativas, consideramos que há requisitos que precisam ser considerados, quando se quer captar o que expressam e que haja a garantia de serem interpretados dentro de sua realidade e contexto; que sejam cuidadosamente tratados dentro de sua cultura e língua.

Strobel (2008) nos ajuda a esclarecer que os surdos possuem uma cultura que é própria e que trazem diferentes fatores que se articulam, como o aspecto linguístico (possuindo uma língua de sinais) e também de uma relação com o mundo por meio da experiência visual; e que estes fatores se desdobram nas instâncias social, familiar e cultural das pessoas surdas. Este contexto é relevante quando se pretende desenvolver pesquisas em que os informantes e participantes são surdos e estão envolvidos no processo de coleta de dados.

Desse modo, este artigo tem como objetivos: recuperar aspectos que se relacionam com pesquisas que envolvem participantes surdos, no que se refere à sua língua e cultura e experiência visual; refletir sobre aspectos que estão relacionados ao uso de estratégias de coleta de dados tradicionais utilizadas em pesquisas qualitativas, como entrevistas e questionários; realizar uma discussão sobre pesquisas qualitativas que tenham como participantes e informantes as pessoas surdas, trazendo uma reflexão sobre a possibilidade de utilizar a cartografia visual.

Visando atingir aos objetivos propostos, o artigo está estruturado tendo como base um estudo bibliográfico. Conforme Sousa, Oliveira e Alves (2021), a pesquisa bibliográfica é descrita como um levantamento ou revisão de obras publicadas sobre a teoria que direcionará o trabalho científico. Para os autores, envolve dedicação, estudo e análise por parte do pesquisador, que deve ler, refletir e escrever sobre o material estudado, reconstruindo a teoria e aprimorando os fundamentos teóricos a partir do emprego de crítica e análise. O estudo bibliográfico, de certo modo, consiste no levantamento de referências teóricas, acrescido de certa reflexão sobre o tema em questão, que é trabalhado e relacionado de modo crítico.

Sousa, Oliveira e Alves (2021) alertam, ainda, que, após a análise crítica do texto, há a interpretação por parte dos pesquisadores. Esta interpretação pode estar marcada por um *background* que os pesquisadores trazem consigo antes do início do estudo bibliográfico, e que pode influenciar na forma como a análise é descrita, e em como é construído o processo que envolve refletir, comparar e argumentar os elementos do texto bibliográfico, objeto do estudo. Desse modo, é de se considerar que interpretar as fontes que compõem o estudo bibliográfico está relacionado ao modo como o pesquisador compreende o conteúdo do texto.

Neste sentido, vale esclarecer que o tema deste artigo possui um *background* que acompanha as autoras, visto que foi debatido e desenvolvido durante uma disciplina de pós-graduação *stricto sensu* ministrada pelas autoras no mês de Janeiro, do ano de 2024, dentro do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, denominada “Seminários sobre ensino e aprendizagem de língua adicionais”, com uma carga-horária de 32 horas. E, a partir dos debates que ali aconteceram, com mestrandos e doutorandos, relacionado com o estudo bibliográfico empreendido, traçam-se reflexões que são expressas nas sessões seguintes.

É de se destacar, ainda, que a disciplina *stricto sensu* em questão contou com cinco estudantes surdos (dois doutorandos e três mestrandos) e outros seis estudantes ouvintes (três doutorandos e três mestrandos), somados às duas professoras ouvintes que ministraram a disciplina (autoras do presente artigo). Por ser uma turma mista (de surdos e ouvintes) e de circulação de duas línguas com modalidades diferentes (a língua brasileira de sinais – Libras – e a língua portuguesa), a disciplina contou, ainda, com a

colaboração de profissionais bilíngues que realizaram a interpretação simultânea dos diálogos ali estabelecidos.

Desse modo, a origem das discussões que permeiam o surgimento do tema e das análises que estão presentes neste artigo são discussões e vivências que ocorreram dentro de uma disciplina *stricto sensu*, e as interpretações do estudo bibliográfico aqui expressos pelas autoras, seguramente, estão influenciadas pelos diálogos e experiências enriquecedores mantidos com os matriculados nessa disciplina, que são pesquisadores pulsantes no debate sobre fazer pesquisa e que envolvem surdos.

O estudo bibliográfico, deste modo, se pauta em publicações de Quadros e Karnopp (2007), Campello (2008), Ludke e André (2013), André (2002), Marconi e Lakatos (2007), Calvo e Candón-Mena (2023) e Salerno et al (2020).

E, a partir das leituras e análises destas obras, o artigo se constrói em 3 sessões, acrescida das considerações finais. A primeira sessão recupera brevemente aspectos da cultura visual e a questão linguística de pessoas surdas para relacionar com a proposta de pesquisas com estes participantes. Em seguida, refletimos sobre o uso de metodologias tradicionais utilizadas em pesquisas qualitativas com surdos, sendo as entrevistas e questionários. A terceira sessão apresenta uma discussão sobre possibilidade da cartografia visual como alternativa de estratégias metodológicas para coleta de dados com surdos de forma colaborativa e co-criativa. Esta terceira sessão é enriquecida com ilustração da cartografia visual construída na disciplina *stricto sensu* “Seminário sobre ensino e aprendizagem de língua adicional” com estudantes surdos e ouvintes em janeiro de 2024.

### **Os surdos, a sua língua, a sua experiência visual e social**

No Brasil, os surdos ganharam certa visibilidade, inclusive com maior número de pesquisas sobre eles no Brasil, a partir do reconhecimento de sua língua como meio legal de comunicação e expressão, em 2002 (BRASIL, 2002). Em 2021, ficou mais expressivo e necessário ampliar pesquisas sobre os surdos com a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/1996) com a criação de uma modalidade educacional específica, o reconhecimento da Educação Bilíngue (BRASIL, 2021).

Após estes anos em que surgem maior volume de pesquisas sobre os surdos e a língua de sinais no Brasil, pode parecer algo já recorrente e até repetitivo dissertar o

básico sobre surdos: sua cultura e língua. Entretanto, não podemos deixar de situar brevemente essas especificidades que envolvem este grupo social, pois, a experiência visual e a questão linguística e a comunicação e expressão por meio da língua de sinais é uma marca fundamental das pessoas surdas e da comunidade surda.

Quadros e Karnopp (2007) nos mostram que a língua de sinais é um sistema linguístico completo e natural usado por comunidades surdas em todo o mundo como meio de comunicação. Não existe uma padronização única, sendo que cada grupo e localidade tem sua própria língua de sinais, ou seja, há certa variedade linguística, pois do mesmo modo que existem diferentes idiomas falados em todo o mundo, também existem diferentes línguas de sinais.

Cada país, ou mesmo região, pode ter sua própria língua de sinais, como a *American Sign Language* (ASL) nos Estados Unidos, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) aqui no Brasil, a Língua Gestual Portuguesa (LGP) em Portugal, entre muitas outras. A diversidade é enorme, e essas línguas não são mutuamente compreensíveis.

Além de reconhecer que cada grupo de surdos e sua região possui a sua característica cultural que repercute na existência de sua própria língua de sinais, há aspectos próprios das línguas de sinais, como a gramática visual da língua. As expressões visuais, movimentos corporais e manuais, com entonação e ênfases manifestadas pelo corpo, além do vocabulário extenso e rico que se modifica e evolui com as mudanças que sociedade vai engendrando, são aspectos que marcam a natureza da língua e a cultura visual.

Essas características por si só já imprimem, na coleta de dados com surdos, a necessidade de mergulhar no universo da língua de sinais para qualquer tipo de busca de informações, de dados, de leitura e interpretação de contextos. O que queremos destacar é que, definitivamente, não é por meio da língua oral, como a língua portuguesa, que se conseguirá extrair de grupos de surdos aquilo que é proposto em uma pesquisa com dados qualitativos. A comunicação visual desempenha um papel crucial na cultura surda. Expressões faciais, movimento corporal, imagens e outras formas de comunicação não verbal, são altamente valorizadas.

O que queremos registrar é que os surdos são sujeitos visuais e as tradicionais estratégias de coleta de dados qualitativos, como entrevistas, observações, questionários

e grupos focais, por exemplo, precisam ser ressignificadas dentro do contexto da língua de sinais e dos aspectos visuais quando forem desenvolvidas com este grupo.

Desse modo, no contexto da constituição do sujeito surdo, o uso de signos visuais desempenha um papel crucial. Campello (2008) trouxe a síntese de alguns autores que explicam os aspectos visuais e seus signos na compreensão e constituição do sujeito. Campello (2008) mostra que Humberto Eco o define como elementos de expressão correlacionados a elementos de conteúdo. Ainda, Campello (2008) apresenta que Peirce destaca que o significado é derivado da experiência em relação ao mundo da ação humana, sendo a experiência visual crucial para os surdos. E, Campello (2008) ainda recupera o que Vygotsky considera, sendo o signo como uma ferramenta psicológica social que transforma o natural em algo social e culturalmente caracterizado. Ou seja, o surdo traz para o campo social aquilo que é constituído nos signos que são acessados na experiência visual com o mundo.

Os signos visuais na comunidade surda são continuamente pesquisados, refletindo percepções visuais e a construção de ideias e imagens que governam a língua natural e a modalidade comunicativa. Campello (2008) ressalta que a terminologia "signo visual" está intrinsicamente ligada à realidade dos surdos, refletindo a apropriação dos signos por meio da visão, com um processamento visual distinto da fala.

É de se considerar, ainda, que ao longo da história, nem sempre a língua e cultura dos surdos foram respeitados. Conforme Carvalho e Garcia (2019, p. 3) analisam:

No Brasil, comunidades de pessoas surdas vêm lutando, por décadas, pelo reconhecimento legal da Libras e por um espaço em meio à sociedade majoritária ouvinte. O reconhecimento legal da Libras desencadeou uma série de ações afirmativas na área da educação e da saúde, abrindo oportunidades tanto para a disseminação dessa língua no âmbito nacional, como também para uma nova visão sociocultural da surdez e do sujeito surdo, assim como novas reformulações teórico-práticas de língua na sociedade como um todo.

É de se reconhecer, assim, que os surdos são marcados por um longo histórico de exclusão, de negação de sua língua, de isolamento social, de lutas e movimentos políticos efervescentes na tentativa de serem respeitados (MONTEIRO, 2006). E, este contexto também não pode ser ignorado, pois, seguramente, ele está na subjetividade desses sujeitos.

### **Estratégias tradicionais utilizadas em pesquisas qualitativas com surdos: entrevista e questionário**

A utilização das estratégias de entrevistas e questionários são comumente utilizadas para coleta de dados em pesquisas com abordagem qualitativa. É comum que estas estratégias de coleta de dados apareçam em livros de metodologia de pesquisa qualitativa (LUDKE; ANDRÉ, 2013; MARCONI; LAKATOS, 2007).

Marconi e Lakatos (2007) se referem ao uso das entrevistas como uma importante ferramenta em pesquisas qualitativas. Para as autoras, entrevistas permitem que os pesquisadores obtenham informações detalhadas e nuances sobre as experiências, perspectivas e opiniões dos participantes. De fato, nas pesquisas qualitativas, há uma possibilidade de ênfase na compreensão dos significados e contextos subjacentes ao que se está estudando. E, as entrevistas são vistas como uma ferramenta eficaz para explorar esses aspectos, pois permitem que os participantes articulem suas próprias interpretações e experiências.

Sobre um aspecto vantajoso do uso dessa estratégia, Marconi e Lakatos (2007) enfatizam a natureza flexível e interativa das entrevistas em pesquisas qualitativas. Os pesquisadores têm a liberdade de adaptar suas perguntas com base nas respostas dos participantes, permitindo uma exploração mais aprofundada de temas emergentes. Além disso, como a pesquisa qualitativa, muitas vezes, se concentra na compreensão das subjetividades e experiências individuais, as entrevistas são ferramentas que possibilitam aos pesquisadores explorar as narrativas pessoais e as interpretações dos participantes sobre o que está sendo estudado.

Outra vantagem que pode ser destacada é que, conforme Marconi e Lakatos (2007), por meio das entrevistas, os pesquisadores podem coletar narrativas pessoais, permitindo uma compreensão rica das histórias de vida, percepções e significados atribuídos pelos participantes aos eventos estudados. E, do ponto de vista dos participantes, as entrevistas permitem uma variedade de respostas, não se limitando a escolhas pré-determinadas. Dependendo da maneira como os pesquisadores conduzem, os participantes têm a liberdade de expressar suas opiniões, sentimentos e experiências de maneira aberta.

Uma outra vantagem é que a entrevista permite aos pesquisadores explorarem a complexidade e a riqueza das experiências dos participantes, permitindo avançar na compreensão do que se está estudando com foco nas perspectivas, significados e contextos dos participantes de maneira detalhada (LUDKE; ANDRÉ, 2013).

Do ponto de vista da realização de entrevistas com surdos, todas essas vantagens só têm sentido se considerarem as características dos surdos, sua cultura, sua língua, sua história e lutas em um contexto social. Caso contrário, a coleta de dados não será eficiente a ponto de alcançar o que o pesquisador deseja.

Para se alcançar, junto aos surdos, as vantagens de coleta de dados com entrevistas, Santos (2020) ressalta que é preciso inserir algumas etapas no processo de coleta de dados. Para a autora, quando os participantes são surdos, necessariamente, a coleta de dados envolve, como mínimo: gravação em vídeo, tradução para áudio e transcrição para análise. Isto implica que existe um fator necessário na metodologia de coleta de dados, sendo equipamentos de vídeo e áudio associados à expertise de conhecer a língua de sinais (ou ter uma assessoria de pesquisa que aporte esse conhecimento ao pesquisador), conhecer a cultura surda e, no processo de analisar os dados, reconhecer que estes sujeitos estão imersos em um contexto de histórico de exclusão e de lutas e movimentos sociais para serem reconhecidos.

Da mesma forma, isso é aplicado ao uso da estratégia de ter questionários no processo de coleta de dados com participantes surdos. Os questionários também possuem vantagens em pesquisas qualitativas. Marconi e Lakatos (2007) geralmente destacam o uso de questionários como uma ferramenta mais comum em pesquisas quantitativas do que qualitativas. No entanto, o uso de questionários em pesquisas qualitativas pode ter algumas vantagens, apesar de não ser a abordagem mais tradicional para esse tipo de pesquisa.

Uma das vantagens do questionário é a possibilidade de alcançar grande amostras, de buscar uma padronização para a coleta das informações que facilitam comparações, garante o anonimato e a possibilidade de minimizar a influência do pesquisador junto aos participantes. Além disso, os questionários, quando é utilizada como estratégias para grandes amostras, permite um custo mais reduzido (MARKONI; LAKATOS, 2007). Apesar dessas vantagens, as autoras ressaltam que os questionários têm limitações em termos de profundidade nas respostas, contextualização e compreensão mais aprofundada do ponto de vista do participante, características muitas vezes associadas às pesquisas qualitativas. Portanto, Markoni e Lakatos (2007) ressaltam que a escolha entre questionários e métodos mais tradicionais em pesquisas qualitativas dependerá dos objetivos específicos da pesquisa e da natureza das informações desejadas.

No caso da pesquisa e coleta de dados com surdos, o uso de questionários implica os mesmos cuidados utilizados com a estratégia das entrevistas, mas acrescido de uma logística de uso de vídeos e da imagem com certo apreço. Este apreço está no fato de que as perguntas devem estar pautadas na língua de sinais. Isto envolve gravação antecipada de todas as perguntas e customização de um ambiente de vídeo próprio que permita ao participante surdo ascender ao instrumento. Ainda, se está prevista qualquer resposta descritiva e/ou dissertativa, os participantes devem ter a opção de enviar por meio da língua de sinais. Pois, só deste modo é que se pode ter garantida uma expressão mais fidedigna da resposta.

Assim, para a pesquisa com participantes surdos a partir de coleta de dados com entrevistas e questionários, é preciso prever equipamentos de áudio e vídeo (áudio, neste caso, pois as respostas obtidas em língua de sinais precisam ser traduzidas para a língua oral e, posteriormente, transcritas para a língua escrita, visando serem utilizadas nos relatórios de pesquisa). A coleta de dados envolve, dessa maneira, um planejamento prévio cuidadoso e meticuloso. O processo interlíngua que está presente nas respostas em língua de sinais e que são traduzidas para a língua oral deve ser meticulosamente preparado, visando captar com fidedignidade as respostas, pois há características da experiência visual e do contexto social que os sujeitos surdos trazem na sua subjetividade.

Todos estes processos que envolve a língua de sinais e, posterior, escrita em língua portuguesa (ou outra língua de modalidade oral) devem ser descritos nos relatórios de pesquisa, demonstrando o rigor em respeitar a fidedignidade ao que os participantes e informantes surdos entregam nos dados. Ou seja, uma equipe profissional de apoio à pesquisa com *expertise* própria é requerida (por exemplo, tradutores profissionais e profissionais de edição e captura de vídeos), caso o pesquisador não a tenha com pleno domínio.

Tanto o questionário, quanto a entrevista, são possibilidades de coleta de dados com participantes e informantes, surdos ou não, de forma individual e direta. Na próxima sessão abordamos a cartografia visual e seu potencial colaborativo de abordar os participantes em uma pesquisa qualitativa.

## **Possibilidade da cartografia visual como alternativa de estratégias para coleta de dados com surdos de forma colaborativa**

As cartografias visuais se fundamentam nas contribuições do urbanismo feminista (VALDIVIA, 2018) e do pensamento decolonial (FARRÉS; MATARÁN, 2014), abordagens que tratam da geração de conhecimento a partir das genealogias da experiência e interpelam a cidade como um espaço onde as relações de poder se materializam nos territórios. Neste contexto, compreendemos que as cartografias visuais podem ser colaborativas e servirem de ferramentas poderosas para a pesquisa, permitindo-nos conectar o território com as experiências pessoais para identificar necessidades, compreender dinâmicas e propor melhorias (SALERNO et al., 2020; CALVO; CANDÓN-MENA, 2023).

Trata-se de uma possibilidade de estratégia de coleta de dados em pesquisas qualitativas de forma coletiva, e não individual, sendo numa perspectiva colaborativa. Se aproxima da construção de um design e uso de cartografia colaborativa como metodologia de pesquisa aplicada às ciências sociais, a partir, portanto, de uma perspectiva crítica e de transformação social.

As possibilidades incluem gerar, geolocalizar, sistematizar e analisar dados complexos sobre experiências e saberes da comunidade em relação a um território que são coletados em um mapa. Além disso, tem como possibilidade criar recursos e espaços para a pesquisa participativa do espaço público, facilitando a perspectiva crítica e colaborativa na identificação e abordagem de diversos tipos de desafios e problemas da vida em sociedade. E, consideramos, ainda, que as cartografias visuais permitem construir narrativas interativas a partir da exploração coletiva do espaço público além de sua dimensão geográfica e material, projetando os sentimentos, desejos e necessidades das pessoas que habitam uma comunidade.

Calvo e Candón-Mena (2023) discutem que, originalmente, o papel da cartografia se configura como ferramenta de visualização do território, destacando que essa visualização está intrinsecamente ligada a diferentes concepções do espaço na teoria social. Inicialmente, abordam a evolução das concepções do espaço nas ciências sociais, desde a visão neopositivista do Círculo de Viena até a ênfase nos anos setenta no espaço percebido e vivido. Destaca-se, então, a influência da Escola Francesa de Sociologia

Urbana, liderada por Alain Touraine e seus discípulos, na concepção do espaço como socialmente produzido, especialmente após os eventos de maio de 1968.

Os autores também destacam o trabalho de Lefebvre, que explorou a produção social do espaço e o direito à cidade, enfatizando a importância das representações do espaço, em que as cartografias participativas podem ser tidas como exemplos de visões alternativas do espaço e ferramentas para transformação por parte dos movimentos sociais urbanos.

Calvo e Candón-Mena (2023) registram que, com a expansão da Internet, surgiram novas ferramentas para cartografia coletiva, como o *Open Street Maps*, que permite a construção de mapas de forma interativa e participativa, além de reduzir os custos associados a esses métodos. Essas ferramentas permitem que as comunidades cartografem seu espaço, compartilhem informações e visibilizem sua comunidade através de um mapa, fortalecendo assim o impacto das iniciativas comunitárias.

Também relembram a conexão entre a cartografia colaborativa e o paradigma crítico nas ciências sociais, enfatizando a importância da participação da comunidade na representação de seu próprio espaço para compreender sua realidade e buscar estratégias de melhoria, visto que possibilitam discutir o papel das comunidades tecnopolíticas na gestão e produção de informações, destacando a importância do ativismo de dados como forma de ação política. Ou seja, esta possibilidade de usar da cartografia, de forma colaborativa, pode oferecer novas formas de gestão e produção de informação, que vão além dos mecanismos tradicionais, possibilitando não apenas o uso inovador dos dados pelas comunidades, mas também novas formas de pesquisa social (CALVO; CANDÓN-MENA, 2023).

Nesta perspectiva, a cartografia visual em pesquisa qualitativa é uma abordagem que utiliza representações visuais, como mapas, gráficos, fotografias, desenhos e outras formas visuais, para explorar, descrever e analisar dados qualitativos. Essa metodologia busca integrar elementos visuais no processo de pesquisa para enriquecer a compreensão das experiências, perspectivas e narrativas dos participantes. É justamente este potencial de signos visuais que a torna atrativa para coleta de dados com participantes e informantes surdos.

A expressão visual é um dos aspectos fortes da cartografia visual em pesquisa qualitativa. Neste quesito, permite que os participantes expressem suas experiências e

pontos de vista por meio de elementos visuais. Isso pode incluir desenhos, colagens, mapas mentais e outras formas de representação gráfica. Esses mapas podem ser geográficos, conceituais ou sociais e representam padrões, conexões ou relações entre diferentes elementos emergentes dos dados qualitativos. Dessa forma, os pesquisadores podem examinar padrões, tendências e relações por meio de representações gráficas, proporcionando *insights* adicionais além da análise textual.

Outro aspecto que pode ser ressaltado é que, o desenvolvimento da cartografia visual de forma coletiva pode incentivar a participação ativa dos participantes na criação de elementos visuais, permitindo que contribuam para a representação de suas próprias experiências. Isso promove uma abordagem colaborativa na pesquisa. E, ainda, neste contexto, tem o potencial de explorar a criação de narrativas visuais, em que os participantes contam histórias por meio de imagens, símbolos e outros elementos visuais. Isso pode ser especialmente poderoso para comunicar nuances e complexidades das experiências, com elementos visuais para contextualizar as descobertas e resultados, tornando a apresentação dos dados mais acessível e envolvente para públicos diversos.

No que diz respeito aos participantes e informantes surdos, que possuem sua língua, experiência visual e cultural, vemos que a cartografia visual tem o potencial de reconhecer e incorporar formas visuais de comunicação que são culturalmente relevantes para os participantes, permitindo uma abordagem mais sensível à diversidade cultural. Ou seja, ao adotar a cartografia visual, os pesquisadores podem integrar elementos visuais para obter uma compreensão mais rica e holística das experiências surdas.

A título de ilustração, demonstramos na figura 01, a seguir, o resultado de uma cartografia visual construída, de forma colaborativa, por nossos cinco estudantes surdos na disciplina ministrada em janeiro de 2024, denominada “Seminários sobre ensino e aprendizagem de língua adicionais” do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da UFG.

**Figura 1** – Ilustração de Cartografia Visual realizada por surdos.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2024).

Para esta cartografia visual, em que o resultado está ilustrado na Figura 1, foi pedido para que os estudantes de mestrado e doutorado surdos demonstrassem narrativas da experiência humana vivida no entorno do campus da Universidade Federal de Goiás relacionadas com a mobilidade urbana e na perspectiva do cuidado. A consigna era: Como podemos garantir que a cidade nos acolha e facilite tudo o que fazemos para a sustentabilidade da vida? A través de uma atividade livre, lúdica e co-criativa, convidamos aos estudantes a explorar as múltiplas configurações das práticas de cuidado nos espaços e tempos da cidade. Como o cuidado circula, como se torna visível ou invisível, que relações gera ou que vestígios deixa o no espaço público. Esta atividade dentro de sala de aula nos permitiu visualizar como seria construir uma cartografia coletiva e como seria um debate pós expressão visual coletiva e a potencialidade desta estratégia para coleta de dados. E, para isso, foi oferecido um mapa da região geográfica de onde nos localizávamos em tamanho grande, impresso em papel sulfite disposto em uma mesa. Os estudantes surdos puderam se posicionar ao redor deste mapa e interagir com a imagem e entre eles. Além disso, foi oferecido materiais diversos, iconográficos e simbólicos, que poderiam ser utilizados para interagir com o mapa; e os surdos tiveram livre possibilidade de conversarem entre si e de irem construindo a sua ideia colaborativamente.

Após o momento colaborativo entre os participantes, foi proporcionado um momento dialógico com as professoras, condutoras da atividade livre, em que os estudantes surdos foram expressando, em Libras, o significado sobre cada parte e cada signo escolhido e colocado ali naquele mapa. Foi neste momento que foi possível captar as narrativas. A interação com o material, ou seja, a cartografia visual elaborada, foi meio

para que no diálogo constituído posteriormente trouxesse uma gama enorme de dados relacionados à visão, concepções diversas, sugestões, medos e aspectos pessoais sobre o tema sugerido.

Observamos e refletimos junto a este grupo que aspectos próprios relacionados aos sujeitos surdos puderam ser respeitados, sua língua, sua cultura ligada à capacidade de experiência visual com o mundo, e dali, extrair pensamentos e aquilo que se desejava. É claro que se tratou de um momento livre e colaborativo. Se esta não é a perspectiva da pesquisa que se propõe, esta estratégia de cartografia visual não se torna adequada, ou seja, se o objeto de estudo não pede algo colaborativo, esta estratégia não se enquadra.

Desse modo, este texto pretende abrir uma possibilidade de discussão sobre a cartografia visual como alternativa de estratégias metodológica para coleta de dados com surdos de forma colaborativa, participativa e co-criativa. Aprofundamento sobre este tema pode ser realizado com a busca em autores como Calvo e Candon-Mena (2023) e Salerno et al (2020).

### **Considerações finais**

O presente artigo explorou as potencialidades da cartografia visual como uma estratégia colaborativa para a coleta de dados em pesquisas qualitativas envolvendo participantes surdos. Inicialmente, foram apresentadas considerações sobre a importância de considerar a língua, cultura e experiência visual dos participantes surdos ao realizar pesquisas qualitativas, destacando a necessidade de métodos sensíveis e adequados a essa realidade.

Ao longo do texto, foi discutida o uso de estratégias de coleta de dados já tradicionalmente conhecidas, como a entrevista e questionário. Estas estratégias foram apresentadas nas suas potencialidades e nas suas funcionalidades e desafios quando se trataram de informantes e participantes surdos. Nesse contexto, apresentamos que a cartografia visual surge como uma ferramenta poderosa para dar voz aos participantes, permitindo a expressão de suas experiências e perspectivas de forma visual e colaborativa, algo totalmente compatível com os surdos, sua língua e cultura.

A partir da análise de exemplo concreto, como a cartografia visual elaborada por estudantes surdos em uma disciplina acadêmica, foi possível observar como essa abordagem pode enriquecer a coleta de dados, capturando narrativas e nuances que

poderiam passar despercebidas em métodos tradicionais. As cartografias visuais permitem identificar necessidades e recursos, compreender dinâmicas, propor melhorias com base no consenso, promover a participação coletiva, a criação e a imaginação a partir do desejo. Parte de uma visão individual do espaço e depois articula-o com a perspectiva de um grupo maior, tornando visíveis diferenças e pontos comuns.

No entanto, é importante ressaltar que a utilização da cartografia visual requer uma abordagem sensível e colaborativa, onde os participantes são incentivados a contribuir ativamente na construção das representações visuais. Além disso, é necessário considerar se essa abordagem é adequada para os objetivos específicos da pesquisa em questão, já que nem todos os contextos demandam uma estratégia colaborativa de coleta de dados.

Em suma, este trabalho propõe abrir uma discussão sobre a cartografia visual como uma alternativa viável e enriquecedora para pesquisas qualitativas com participantes surdos, destacando sua capacidade de dar voz e visibilidade às experiências desse grupo. No entanto, é fundamental continuar explorando e aprimorando essa abordagem, levando em conta as necessidades e contextos específicos de cada pesquisa.

## Referências

ANDRÉ, Marli (org.). **O Papel da Pesquisa na Formação e na Prática dos Professores**. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Seção 1, p. 1.

BRASIL. Lei nº 14.191, de 19 de dezembro de 2021. Altera a Lei nº 9396, de 20 de dezembro de 1996, para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 dez. 2021. Seção 1, p. 1.

CALVO, Dafne; CANDON-MENA, Jose. Cartografías tecnopolíticas: Propuesta para el mapeo colaborativo desde la investigación-acción participativa.

**Cuadernos.info**, Santiago, n. 54, p. 23-44, 2023. Disponível em: [http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0719-367X2023000100023&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0719-367X2023000100023&lng=es&nrm=iso). Acesso em 29 fev. 2024.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

CARVALHO, Andréa Guimarães de; GARCIA, Renata. Rodrigues de Oliveira. Contexto escolar e o ensino para surdos: a libras como instrumento de educação e de identidade. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 4, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/5873>. Acesso em: 20 jan. 2024.

FARRES DELGADO, Yasser; MATARAN RUIZ, Alberto. Towards an urban transmodern and decolonial theory: an introduction. **Polis**, Santiago, v. 13, n. 37, p. 339-361.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. São Paulo: E.P.U., 2013.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico** procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MONTEIRO, Myrna Salerno. História dos movimentos dos surdos e o reconhecimento da Libras no Brasil. **ETD**, Campinas, v. 07, n. 02, p. 292-302, mar. 2006. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-25922006000000027&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-25922006000000027&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 07 mar. 2024.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. São Paulo: Artmed, 2007.

SALERNO, Mauro; BERNAT, María Sofía; MALLEVILLE, Sofía; SALA, Julieta; FONSECA, Manuel. **Instructivo de mapeo colectivo manual y digital para equipos de salud**. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 2020, 34 p. Disponível em: <https://unlp.edu.ar/wp-content/uploads/48/33248/63d56a6e07e182f76575397a90b5e002.pdf>. Acesso em 10 fev. 2024.

SANTOS, Sylvana Karla da Silva de Lemos. Coleta de dados em língua de sinais: procedimentos e desafios com usuários surdos. **Revista Gestão e Organizações**, v. 5, Edição Especial, p. 25-44, 2020.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, Monte Carmelo/MG, v. 20, n. 43, p. 64-83, fev. 2021.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

VALDIVIA, Blanca. Del urbanismo androcéntrico a la ciudad cuidadora. **Hábitat y Sociedad**, Sevilla, n. 11, p. 65-84, nov. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12795/HabitatySociedad.2018.i11.05>. Acesso em 30 jan. 2024.